



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA
PORTUGUESA

TRATAMENTO DADO ÀS TIRINHAS NO LDP

FRANCISCA GLEUMA LACERDA MEDEIROS

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FRANCISCA GLEUMA LACERDA MEDEIROS

TRATAMENTO DADO ÀS TIRINHAS NO LDP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua portuguesa.

Orientador (a) : Prof^a Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

CAMPINA GRANDE – PB

2012

S586i

Medeiros, Francisca Gleuma Lacerda.

Tratamento dado às tirinhas no LDP
[manuscrito] / Francisca Gleuma Lacerda Medeiros.
– 2012.

30 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Amasile Coelho
Lisboa da Costa Sousa, Departamento de Letras”.

1. Língua Portuguesa 2. Livro Didático
3. Ensino-Aprendizagem 4. Ensino Fundamental I.
Título.

21. ed. CDD 371.33

FRANCISCA GLEUMA LACERDA MEDEIROS

TRATAMENTO DADO AS TIRINHAS NO LDP

Aprovado em ____ / ____ / 2012

Amasile Coelho L. C. Sousa 9,5
Prof^a Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa / UEPB
Orientadora

Francisca Eduardo Pinheiro 9,5
Prof^a Ms. Francisca Eduardo Pinheiro / UEPB
Examinadora

Rosângela M. S. de Queiroz 9,5
Prof^a Dr^a Rosângela M. S. de Queiroz / UEPB
Examinadora

Média: 9,5

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO/2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado forças nas horas mais difíceis da minha vida, quando sentia-me fraca, elevava meus pensamentos a ELE em oração e depois sentia-me bem, porque sabia que Deus estava comigo.

Agradeço aos meus familiares, como : irmãs, irmão, noras, sobrinhos, como também aos meus filhos : Gleidson , Glauber e Gutemberg, pelo incentivo e apoio diário.

Aos professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, e em especial a professora coordenadora do curso e orientadora no meu Trabalho de Conclusão de Curso, a Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, como as outras professoras que fizeram parte da minha banca: Ms Francisca Eduardo Pinheiro e Dr^a Rosângela M.S de Queiroz.

E por fim, agradeço aos meus amigos e colegas de curso, pelo incentivo e apoio constantes.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar como o Livro Didático de Português (LDP) utiliza os gêneros multimodais, em particular a tirinha, procurando saber se esse gênero é explorado levando em consideração seus aspectos semânticos e pragmáticos ou se é utilizado apenas como pretexto para análise gramatical. Escolhemos três tiras, entre várias que existem no LDP, “Novo Diálogo”, do 6º ano do Ensino Fundamental, e que são utilizadas pelos professores para trabalhar a compreensão de texto, a gramática e a ortografia. Sabemos que esse gênero tem um grande poder pedagógico por constituírem-se verdadeiras formas sociocomunicativas; no entanto, são suprimidas do seu objetivo, porque nas atividades em que elas (as tirinhas) são inseridas, não são só as características socio-discursivas do gênero que são exploradas. As tirinhas analisadas também foram usadas como pretexto para ensinar gramática e ortografia, levando-nos a conclusão de que, em relação ao tratamento dado a esse gênero, o Livro Didático de Português adota uma concepção de Ensino Tradicional da Língua.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Textual, Livro Didático, Tira.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the Textbook of Portuguese (LDP) uses the multimodal genres, particularly the strip, looking whether this genre is explored taking into account their semantic and pragmatic aspects or whether it is merely used as a pretext for parsing . We chose three strips, among several that exist in the LDP, "New Dialogue", the 6th grade of elementary school, and are used by teachers to work on reading comprehension, grammar and spelling. We know that this genre has great pedagogical power by themselves constitute true sociocomunicativas forms, however, are removed from their goal, because the activities in which they (the cartoons) are inserted, are not only the socio-discursive genre are explored. The strips were analyzed also used as a pretext to teach grammar and spelling, leading us to conclude that, in relation to the treatment of this genre, the Textbook of Portuguese adopts a conception of Traditional Teaching Language.

KEYWORDS: Gender Textual, Textbook, Comic Strip.

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	08
2FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 – Conceção de linguagem	13
2.2 – Refletindo sobre as atividade de compreensão	14
2.3 – O surgimento das histórias em quadrinhos: sua evolução e sua inserção na sala de aula	15
2.3.1 – Evolução histórica das HQs	17
2.3.2 – As tiras : um subtipo das HQs	18
2.3.3 – Uso das HQs no LD	19
3ANÁLISES DOS DADOS	20
3.1 – Figura 01	20
3.2 – Figura 02	21
3.3 – Figura 03	22
4CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
5BIBLIOGRAFIA.....	25
ANEXOS	
01- Trabalhando a gramática : frase	
02- Trabalhando a gramática : Estudo dos pronomes pessoais	
03- Trabalhando a ortografia : Palavras homônimas	

INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que levar HQs para a escola era terminantemente proibido. Os professores e os pais não acreditavam que sua leitura fosse positiva para as crianças, pois achavam que poderia afastá-las, segundo Vergueiro (2009, p.08) de leituras “ mais profundas “, desviando-as de um amadurecimento “ sadio e responsável “. Os gibis eram tratados como uma linguagem nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem os lia, além de afastar os jovens do hábito da leitura.

Diante de sua imensa popularidade junto ao público leitor, e das grandes tiragens das revistas, a leitura de HQs passou a ser discriminada pela sociedade dita “letrada”. Para eles, a leitura dessas revistas afastava as crianças dos estudos e causava prejuízo ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar consequências piores, como a dificuldade de raciocínio lógico e em consequência a dificuldade para apreensão de ideias abstratas, muito prejudicial ao relacionamento social de seus leitores.

Mas, as histórias em quadrinhos representam hoje, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, quando seus leitores, principalmente jovens e adolescentes passam a comprar essas revistas e, fazem até coleções das mesmas, trocando-as com outros leitores quando tem algum número em duplicidade.

E por ser muito popular entre a juventude, os quadrinhos, talvez tenham sido responsáveis por uma espécie de “desconfiança” quanto aos efeitos que eles poderiam provocar em seus leitores, tornando-se objeto de restrição, condenados por muitos pais e professores. É certo que, os adultos viam as HQs como única forma de entretenimento e, tinham dificuldade para acreditar que, por possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores.

Hoje, já é muito comum a publicação de livros didáticos que cobrem praticamente todas as áreas, como : português, matemática, geografia, história, artes, entre outros, e que fazem utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir dos

anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, colocando a linguagem dos quadrinhos em suas obras.

Ainda que no começo essas atividades tenham sido vistas com estranheza pela sociedade – a começar pelos professores que foram educados na época em que os malefícios da leitura de quadrinhos faziam parte do senso comum. A evolução dos tempos funcionou favoravelmente à linguagem das HQs, destacando seus benefícios para o ensino e garantindo sua presença no ambiente escolar formal. A prova disso é que no Brasil, o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Podemos dizer que a resistência de alguns professores em utilizar as histórias em quadrinhos em suas salas de aulas está sendo aos poucos superadas, devido a grande aceitação por parte dos alunos. Por isso, faz-se necessária a abordagem desses elementos que caracterizam as HQs, dada a sua estrutura composicional: quadros, desenhos, balões, onomatopeias, legendas e outros recursos gráficos, que são uma forma de comunicação global, sob a mais variadas denominações de que temos conhecimento.

Portanto, sabendo da complexidade desse gênero, tratado às vezes como simples desenho, como já foi falado acima e, mesmo tendo sido reconhecido, ainda há uma certa resistência ao seu uso em materiais didáticos, porque na grande maioria desses LD, as HQs são apresentadas somente, como : “ textos complementares “, “ divirta-se “, “ apenas para leitura “, não sendo muito frequente o caso de uma história em quadrinho configurar-se como o texto central da unidade de um livro didático.

Esperamos que daqui a alguns anos esse gênero seja utilizado sem nenhuma restrição por parte de professores, porque é notório que a linguagem visual tem ganhado cada vez mais importância em nosso meio social, influenciando os meios de comunicação. Com o avanço dos sistemas audiovisuais, as imagens passam a chamar atenção fazendo surgir uma nova prática de leitura.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos docentes no trabalho com a leitura e a escrita, destaca-se a falta de um planejamento criterioso e sistemático para o trabalho

com o gênero HQ.

Partindo desse fato, e tendo em vista a importância dos quadrinhos para o trabalho de leitura e escrita, consideramos pertinente:

> Analisar o tratamento das HQ no LD (livro didático), e o desenvolvimento da competência do leitor;

> Refletir sobre as perguntas de compreensão no LD, a partir do gênero HQ;

> Reexaminar questões gramaticais propostas a partir das HQs e suas implicações para o trabalho de leitura.

Para atender esses objetivos, selecionamos o livro didático “ Novo Diálogo “, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, do 6º ano do ensino fundamental, utilizado pela escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, Dom Luiz Gonzaga, na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba. Esse livro faz parte do PNLD (programa nacional do livro didático) que é doado pelo FNDE/ Ministério da Educação para os alunos matriculados nas escolas públicas; sua venda é proibida e ele tem uma carência de 3 anos. Esse livro foi trabalhado nas escolas no ano de 2008, 2009 e 2010.

Nesse LD, estudamos as ocorrências das histórias em quadrinhos, ou seja tirinhas, que tem presença marcante, e fizemos um recorte de forma a atender aos objetivos do trabalho.

2FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O leitor que utiliza apenas o processo ascendente de decodificação que constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas, é vagaroso, pouco fluente e tem dificuldade de sintetizar as ideias do texto por não saber distinguir o que é mais importante do que é meramente ilustrativo ou redundante, como explica Kato (1999). Para a autora, o leitor que faz uma leitura linear com pouca predição é um leitor imaturo.

Segundo Rangel (2007. p.49), “a leitura não envolve apenas o ato de decodificação de um código, mas abrange uma atividade de maior complexidade”. As abordagens interacionistas entendem a leitura como uma forma de criar sentido, atribuindo ao leitor um lugar de destaque, pois, conforme Chartier,A.M., Clesse e Hébrard (1996, p.9) :

Ler não é descobrir o sentido do texto em função do domínio do código, é construir um sentido para tal texto, graças aos conhecimentos anteriores (entre os quais, o código), ao contexto de recepção, aos elementos informativos selecionados, etc.

A relação entre língua e poder está intimamente ligada a classe burguesa, que se aproveita desse fato para afirmar a sua posição política e social. É a leitura que transforma o indivíduo em alguém capaz de ascender social e culturalmente, e que também favorece o desenvolvimento intelectual e político do mesmo. No Brasil diz-se que a aprendizagem da leitura e da escrita não é para todos, visto que predomina o princípio da classificação e hierarquização dos sujeitos integrantes de uma sociedade letrada e, por isso estabelece o que é cultura do povo e cultura da classe dominante. É neste sentido que a concepção de Saussure apud Bourdieu (1998. p. 31) sobre a língua importa:

A língua, segundo Saussure, código ao mesmo tempo legislativo e comunicativo que existe e subsiste independentemente de seus usuários (sujeitos falantes) e de suas utilizações (falas), possui de fato todas as propriedades comumente atribuídas à língua oficial.

A língua é importante, para manter a unidade política, definir espaços e papéis que, ao ser compartilhada, faz com que os sujeitos participem dessa comunidade linguística. O Estado cria instituições para que a língua (oficial) seja perpetuada. Uma dessas instituições é a escola.

Ninguém pode ignorar a lei linguística que dispõe de seu corpo de juristas (os gramáticos) e de seus agentes de imposição e de controle (os professores), investidos do poder de submeter universalmente ao exame e à sanção jurídica do título escolar o desempenho linguístico dos sujeitos falantes (BORDIEU, 1998.p. 33 . grifo do autor).

Visto que a língua é universal, conhecida por todos, legitima uma forma “ a língua padrão”, em detrimento de outras, desautorizando aqueles que porventura, não compartilham dos mesmos princípios. Por isso, o Estado tem sua própria maneira de exercer o domínio político e social através de uma rede de instituições, principalmente a escola, na figura dos professores que auxiliam a manutenção desta hegemonia, como confirma Bakhtin (2002, p. 79) : “ Na verdade só existe um critério linguístico: está certo ou errado; além do mais, por correção linguística deve-se entender apenas a conformidade a uma dada norma do sistema normativo da linguística”.

Assim, esta abordagem de leitura pode obedecer a uma proposta formalista, que se caracteriza pelo estudo dos elementos linguísticos na frase ou no texto, referentes aos aspectos da morfologia, semântica, fonologia, gramática e outros.

Como lembra Bakhtin (2002. p. 35), “ os signos só podem aparecer em um terreno interindividual (...), não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam”. Para existir a comunicação, o locutor e o ouvinte devem pertencer à mesma comunidade linguística, a um grupo social organizado (RANGEL, 2007, p. 54

Entretanto, a leitura malsucedida teria como causa a falta de exatidão do autor do texto ou a decodificação equivocada do leitor, porque a linguagem é concebida como neutra, exata e transparente e sempre há uma convenção estabelecida entre o leitor e o autor, Rangel (2005).

Em todo caso, “ Lajolo (1993), reforça que a figura do professor é a que predomina na orientação da leitura, assumindo o texto mais como objeto de técnicas da análise do que elemento mediador entre o leitor e autor”.

2.1 Concepções de linguagem

A prática tem mostrado a importância da linguagem com relação a língua, porque o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se

estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. Fundamentalmente, três concepções podem ser apontadas, segundo Travaglia (2009):

. A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO: para essa concepção, as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Essa concepção mostra, basicamente, os estudos tradicionais.

. A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO: essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir uma mensagem, informação de um emissor para um receptor. Como o uso do código que é a língua é um ato social, e envolve no mínimo duas pessoas, é preciso que o código seja utilizado de maneira semelhante para que a comunicação seja efetivada.

. A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO: mais do que possibilitar a transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria, levar a cabo, a não ser falando. Segundo Bakhtin (1986:123), para essa concepção,

“ a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações (cf nota 7). A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem.”

2.2 Refletindo sobre as atividades de compreensão

Todos os autores de LDP (livro didático de português) julgam de extrema importância o trabalho com a compreensão textual, o que é comprovado pela farta dose de exercícios que eles têm colocado neste campo. O problema não é a ausência desse tipo de trabalho e sim a natureza do mesmo. Segundo Marcuschi (2005:47):

- a) A compreensão é vista como uma simples atividade de decodificação. Compreender texto resume-se a uma extração de conteúdos.
- b) As questões típicas de compreensão vêm misturadas com outras que não tem nenhuma relação com o assunto.
- c) É comum os exercícios de compreensão nada terem a ver com os textos aos quais se referem, sendo simples indagações genéricas que podem ser respondidas com qualquer dado.
- d) Os exercícios de compreensão nem sempre levam a reflexões críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido, o que sugere a noção de que compreender é apenas identificar conteúdos.

Esses dados mostram que não há clareza quanto ao tipo de exercício que deve ser feito no caso da compreensão do texto. Portanto, perde-se a oportunidade de treinar o raciocínio, o pensamento crítico e as habilidades argumentativas. Também perde-se a oportunidade de incentivar a formação de opinião. Porém, “ a fim de não cometer injustiças, é bom lembrar que existem manuais com uma alta consciência do trabalho de compreensão e exploração do texto. Entre eles pode-se citar as coleções *Construindo a escrita*, de Carmen Carvalho et al (1998) e ALP – *Análise, Linguagem e pensamento*, de Cocco/Hailer (1994) que se destacam dentro do quadro geral de LDP; de igual modo algumas poucas coleções mais antigas já fora de mercado tinham essa consciência, tais como Preti (1986) e Soares (1982).”

A partir dos anos 90, os LP trazem uma maior variedade textual, menos gramática formalmente trabalhada e mais discussão pessoal. No entanto, ainda evitam as questões de variação linguística e à oralidade. Pode-se dizer que os livros didáticos melhoraram o aspecto visual, mas são menos densos e mais dispersivos.

2.3 O surgimento das Histórias em Quadrinhos/HQs : sua evolução e sua inserção na sala de aula

2.3.1 Evolução histórica das HQs

Desde os primórdios da história da humanidade que o ser humano utiliza-se de quadrinhos, uma forma de imagem gráfica, para passar para outras gerações ou simplesmente deixar ali gravado as suas façanhas, ou seja, o relato de uma caçada bem sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc.

Assim, quando os homens das cavernas fazia suas gravuras, ou seja, a imagem dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens. Bastaria , então, enquadrinhá-las para obter algo muito parecido ao que modernamente se conhece como história em quadrinho.

As crianças começam cedo a transmitir suas impressões ao mundo por meio de desenhos, representando seus pais, irmãos e amigos com rabiscos que nem sempre lembram as pessoas ou objetos retratados, mas que, mesmo assim, cumprem o objetivo de comunicar uma mensagem.

Segundo Mendonça (2005, p. 194), as HQs surgiram na Europa, em meados do século XIX, tendo como primeiro herói “ o menino amarelo “, criado por Richard Outcault. A princípio, essas HQs eram publicadas em jornais, principais responsáveis pela sua expansão. Em seguida, foram ganhando espaço e conquistando cada vez mais um público maior, passando a ter publicações exclusivas : gibis e revistas. No Brasil, os propagadores maiores desse gênero foram Mauricio de Sousa, o criador da “ Turma da Mônica “, e Ziraldo com o “ Menino Maluquinho “.

As histórias em quadrinhos são conhecidas como um tipo textual narrativo que também podem apresentar a injunção e a argumentação, ou seja, apresentam heterogeneidade tipológica (propriedade comum a todos os gêneros, na qual um mesmo texto apresenta várias sequências textuais). É comum apresentarem também a intertextualidade intergêneros (um gênero assumindo a função do outro).

As HQs tem como características vários formatos, como : os balões (ilustram texto escrito, sinais de pontuação, figuras e mudam de formato dependendo do que desejam

expressar : as falas, os pensamentos ou as emoções dos personagens) ; Apêndice (canal que liga o balão à boca do personagem) ; as Onomatopeias e Interjeições (acrescentam sonoridade às imagens, reforçando as ideias de barulhos e movimentos), além dos recursos gráficos, como : estrela, aspiral e bolas de vários tamanhos.

2.3.2 As tiras : um subtipo das HQ

Tira ou tirinha, como é também conhecida, é um segmento da história em quadrinhos, apresentado em jornais, revistas, etc. Seus desenhos são iguais aos das HQs, diferenciando-se apenas pela extensão dos quadrinhos e pela brevidade da história. Isto porque os jornais por terem pouco espaço nas suas páginas, passaram a desenhar histórias narradas em poucos quadros , e que eram quase sempre ironizando aspectos políticos e econômicos do país, procurando despertar a reflexão do leitor, fazendo com que ele tirasse suas próprias conclusões.

As tiras são um subtipo de HQ : mais curtas (até 4 quadrinhos), de caráter sintético, podem ser sequenciais (com narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Algumas tiras satirizam aspectos políticos e econômicos do país. Segundo Mendonça (2002, p. 198), as tiras fechadas podem ser divididas em dois subtipos :

- a) tiras-piadas, em que o humor é obtido por meio de estratégia discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens. (MENDONÇA, 2002, p. 198).

Percebemos que a característica do subtipo tiras-episódio é o humor, sendo produzido através dos elementos verbais e não verbais : o humor é baseado no desenvolvimento de uma temática, sendo enfatizadas as características dos personagens. Por ter duplo sentido, nas tiras-piadas, existe a possibilidade de mais de uma interpretação.

Outra característica das tiras é a quebra de expectativas, que também tem o

objetivo de produzir humor. O foco das temáticas presentes nelas, em sua maioria, mostra aspectos políticos e econômicos, só que não são datadas (característica comum da charge¹).¹

2.3.3 Uso das HQs no LD

O trabalho com as histórias em quadrinhos na escola é importante à medida em que, o quadrinho hoje faz parte da nossa cultura, participando intensamente do universo da criança, dos jovens e dos adultos.

Assim, a inclusão das HQs na sala de aula não é rejeitado pelos alunos, pelo contrário, é um assunto que aumenta a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, estimulando a sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. A identificação dos estudantes com os personagens dos quadrinhos, reforçam ainda mais a utilização das HQs no processo didático.

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para introduzir um tema, que será desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já visto, para gerar uma discussão a respeito de um assunto ou para ilustrar uma ideia. Em cada um desses casos, caberá ao professor armar estratégias de planejamento e desenvolvimento que seja mais adequado as necessidade dos alunos.

A seleção do material a ser utilizado na sala de aula, deverá levar em conta os objetivos educacionais que se deseja alcançar, ou seja, essa seleção deverá estar ligada à identificação de materiais adequados, tanto em termos de temática como de linguagem utilizada, relativo à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos, e ainda, de acordo com a série que o aluno está cursando.

Os materiais a serem utilizados para as respectivas séries, são da seguinte maneira: a) Pré-escolar: o importante nessa fase são as necessidades motoras. A linguagem dos estudantes com os quadrinhos são basicamente lúdicas; b) Nível Fundamental (1ª a 4ª séries): nos primeiros anos, a criança vai deixando de ver a si

¹ A charge é um subtipo das HQs porque possui um viés crítico e são temporais, com o tempo envelhecem perdendo assim a sua essência discursiva – ver a respeito em Mendonça (2005).

mesma como o centro do universo e passa a ser mais sociável, incorporando-se a grupos e pessoas, podendo ser gradativamente apresentada a linguagem dos quadrinhos ; c) Nível Fundamental (5ª a 9ª séries) : nessa fase, os alunos são mais sociáveis; estão formando grupos e têm noção da diferença entre meninos e meninas. Sabem identificar detalhes das obras de quadrinhos e conseguem fazer comparações entre eles e sua realidade social. d) Nível médio: a característica do estudante dessa fase é a mudança de personalidade, devido a passagem da adolescência para a idade adulta. Nessa etapa de sua vida, são mais críticos e questionadores em relação ao que estudam em sala de aula, não aceitando passivamente qualquer material que lhe é apresentado. Nas produções próprias, procuram reproduzir personagens do seu cotidiano.

Portanto, para o professor que deseje levar histórias em quadrinhos para a sala de aula é preciso que ele tenha algum conhecimento sobre a história das HQs, sua evolução, os principais representantes e as características como meio de comunicação de massa, para depois introduzir o assunto, dinamizando suas aulas e fazendo com que haja motivação por parte dos alunos, e com isso conseguindo bons resultados no processo de ensino aprendizagem.

3 ANÁLISE DOS DADOS:

3.1-Figura 01 :



Adolar. Super-Vô. Em Folha de S. Paulo, 11/5/2002.

01 – A tirinha “Super-vó” , é do escritor Adolar Gangorra, que tem mais de 60 anos de idade e mora no Rio de Janeiro. Até onde pesquisamos, ele não tinha revelado sua verdadeira identidade, revelou apenas que trabalha em uma rede de TV em Brasília, e tem um site (adolargangorra.com.br), onde posta seus textos, videos e outras produções.

Nesses quadrinhos, o diálogo dos personagens revela o conflito entre um menino e uma menina por causa de uma boneca. No primeiro quadrinho, a menina chora contando a avó que o menino arrancou a cabeça da sua boneca para jogar futebol. No segundo quadrinho a avó da menina recrimina o menino, o que deixa a menina feliz e o menino triste. No terceiro quadrinho, a avó já tendo consertado a boneca, devolve a mesma para a menina que fica muito alegre e o menino cabisbaixo. No quarto quadrinho, a menina sai feliz a correr com a cabeça da boneca na mão porque ela tinha arrancado a mesma, dizendo que agora ela ia jogar vôlei. A super-Vó e o menino ficam supresos com a reação da menina. Como já era de se esperar, o humor da tirinha está justamente na quebra da nossa expectativa.

Como pode-se observar, a tirinha a princípio é usada para a compreensão do texto, por isso é utilizada uma sequência de perguntas com relação a mesma, conforme vemos abaixo:

1. Leia a seguir uma tirinha – narrativa constituída de texto e imagem – publicada em jornal, que apresenta como uma das personagens a Super-Vó.
2. A sequência dos quadrinhos e o diálogo dos personagens revelam o conflito entre um menino e uma menina por causa de uma boneca.
 - a) A menina se queixa à avó no primeiro quadrinho. Que fala da menina revela o seu descontentamento?
 - b) A imagem da menina revela que ela está chorando. Que elementos indicam isso ao leitor?
 - c) Na fala da menina, que sinal de pontuação pretende enfatizar a emoção que ela sentiu?

3. No segundo e no terceiro quadrinhos, a Super-Vó recrimina o menino e conserta a boneca.

a) Como podemos saber que a Super-Vó, ao falar com o menino, está aborrecida com o que ele fez?

b) A fala da avó está registrada com repetidos pontos de exclamação. O que esse emprego determina sobre o tom de fala da personagem?

c) O que as expressões faciais da menina e do menino no segundo quadrinho pretendem mostrar sobre a reação de cada um ?

d) Que fala da menina revela sua emoção ao ver a boneca consertada?

4. No desfecho da narrativa, a menina consegue a boneca de volta e expressa seu contentamento dizendo: “Legal!!! Agora posso jogar vôlei!”

a) Que atitude da menina surpreende o leitor nesse desfecho?

b) Por que a atitude dela surpreende o leitor?

No entanto, no 4º e último item do exercício , especificamente na letra “c” (anexo 01), é introduzida sorrateiramente uma pergunta referente à gramática, ou seja, pergunta-se : Quantas frases a menina utiliza em sua fala, para expressar seu contentamento? E pede que justifique sua resposta.

Podemos notar nessa tirinha, a intenção das autoras do LD em se apropriar da tirinha da Super-Vó com o pretexto de ensinar gramática, ou seja, a produção de frases. Diante disso, concluímos que, em relação ao tratamento dado a este gênero, o LDP adota uma concepção de ensino tradicional da língua.

3.2-Figura 02:



02 – A segunda tirinha pertence “ A turma do xaxado “ criada por Antonio Cedraz, mestre do Quadrinho Nacional pela Associação dos quadrinistas e caricaturistas do Estado de São Paulo. Ela é formada por personagens brasileiras focadas na cultura brasileira, nas imagens, nas pessoas, na oralidade, nas tradições e lendas retratando a vida do campo, suas peculiaridades e organização social com histórias bem humoradas, educativas e interativas. Trata-se de uma leitura de qualidade, criando uma relação lúdica com a leitura do mundo e contribuindo para a formação do sujeito – leitor mais crítico.

Utilizando a tirinha , “ O encontro de Zé Pequeno com a morte “, o LD começa com um exercício de compreensão do texto, fazendo algumas perguntas sobre o que acontece nesse encontro, como :

1. A história é narrada em três quadrinhos e no primeiro já aparece o conflito que vai desencadear as demais ações.
 - a) A morte se dirige a Zé Pequeno e diz o que deseja. Que reação ela esperava de Zé Pequeno e como ele reage à chegada da morte?
 - b) No quadrinho central, a imagem ajuda a dar continuidade à narrativa. Que fato é narrado por meio do desenho?
 - c) Com base nas falas da morte no início e no final da tirinha, responda: O que realmente assusta Zé pequeno?

Mas, abruptamente o exercício muda de foco, ou seja, muda da compreensão do texto para gramática e, mais especificamente, começa a perguntar se a fala de Zé Pequeno

está de acordo com a norma culta, e no item seguinte do exercício pergunta, que pronome pessoal aparece na fala do Zé Pequeno (anexo 02).

Vimos que, em vez de explorar o conteúdo para leitura e compreensão do texto, as autoras do LD estão aproveitando a oportunidade para introduzir a gramática com perguntas a respeito da linguagem da norma culta e pronomes, e isso não está contribuindo para a compreensão textual.

Concordamos que as tirinhas deveriam ser apresentadas aos alunos com o único objetivo de auxiliar nas suas habilidades de leitura e de escrita, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, imaginação, interpretação, etc. Com isso eles teriam elementos para desenvolver suas ideias, atingindo o objetivo principal do texto: a comunicação com prazer.

3.3-Figura 03 :



03 – A tirinha “ Fala Menino “, é do escritor Luiz Augusto Conceição Gouveia, nascido em Salvador/Ba, em 03 de fevereiro de 1971. Criou a turma “Fala Menino” , liderados por Lucas. As personagens contam suas travessuras em tirinhas, publicadas em jornais de grande circulação na Bahia e em outros Estados brasileiros e, também em seus livros. Seu trabalho recebeu o prêmio Ibero-Americano de comunicação pelos direitos da infância, UNICEF .

Essa tirinha está sendo usada para trabalhar a ortografia e a oralidade com relação as palavras homônimas, como podemos ver no exercício abaixo:

1. A tirinha, acima, narra um episódio vivido pelo personagem – um menino

– na sua sala de aula.

2. No primeiro quadrinho, o personagem mostra-se supreso e incrédulo pelo fato de ter escrito uma palavra errada.

a) Além das falas, escritas nos balões, que outro recurso deixa claro para o leitor essa reação do personagem?

b) Que recursos linguísticos, empregados nas falas do personagem, ajudam o leitor a compreender o que o personagem está sentindo?

3. Nos últimos quadrinhos, desfaz-se o equívoco com a explicação do personagem.

a) Que fato motivou o equívoco da professora?

b) O menino mostrou que havia escrito a palavra correta. Como foi desfeito o equívoco?

c) As palavras CONCERTO E CONCERTO têm grafias e sentidos diferentes. Por que, então, elas podem ser confundidas pelo usuário da língua?

No primeiro quadrinho, o menino fica preocupado com um erro de ortografia, certamente descoberto pela professora. Ele pede para ver. E no segundo quadrinho, ele diz para a professora que a palavra “concerto”, com “c”, que ele tinha escrito, estava correta. E no terceiro quadrinho, ele explica que o seu mecânico tocava TUBA em uma banda, por isso que a palavra não poderia ser escrita com “s”. A seguir é introduzida as palavras homônimas: “**conserto**” e “**concerto**”, explicando que elas tem grafias e sentidos diferentes. A pergunta seguinte é, porque elas podem ser confundidas pelo usuário da língua? Elas podem ser confundidas pelo usuário da língua porque as palavras homônimas tem grafia e significados diferentes, mas a pronúncia é igual (anexo 03).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante esse trabalho e, em outras oportunidades durante o nosso percurso escolar, percebemos a importância das HQs e das tirinhas como grandes motivadoras de leituras em sala de aula, já que nos LD são apresentadas em situações simples e engraçadas e, até mesmo ironizando algum detalhe da vida de um personagem conhecido do público leitor, como também em outras ocasiões aborda temas mais sérios, como política e economia, porém, não deixando de abordar esses assuntos com uma certa dose de humor, já que é sua característica principal.

Achamos muito interessante as divergências entre as autoras do LD em estudo, e o livro de Vergueiro (2009): Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. Isto porque, enquanto as autoras do LDP usam as HQs e as tirinhas para a compreensão de leitura e especificamente para ensinar a gramática, o livro de Vergueiro, entre tantos outros livros de HQs, utiliza-se dessas HQs para trabalhar somente a compreensão da leitura, tendo a utilização dos quadrinhos como apoio ao tratamento de temas escolares de forma lúdica, possibilitando um processo de aprendizagem mais agradável aos leitores.

Defendemos a utilização das histórias em quadrinhos como forma de instrumento pedagógico, uma vez que a imagem e a palavra associam-se cada vez mais na produção de sentidos nos diversos contextos comunicativos. A imagem ocupa espaço e interfere significativamente no cotidiano das pessoas, por isso que a leitura de textos não-verbais deve ser bastante explorada em sala de aula por enriquecer a experiência de leitura e de compreensão do aluno.

Podemos enumerar outros motivos que levam as histórias em quadrinhos a serem um bom instrumento de leitura nas escolas, como :a) Os estudantes gostam de ler os quadrinhos em sala de aula, porque essas histórias aumentam a sua motivação para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. b) A união do texto com a imagem, nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos mais do que qualquer outro código. c) Cada história em quadrinho oferece um leque de informações capazes de serem discutidas em sala de aula, dependendo apenas do

interesse do professor e dos alunos. d) Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura, porque aumenta a familiaridade do estudante com a leitura, possibilitando que eles se abram para os benefícios da mesma, encontrando menos dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo. e) Não existem barreiras para o aproveitamento de histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e muito menos para sua utilização em séries mais avançadas, mesmo em nível universitário.

Desta forma, é importante ressaltar que para os nossos jovens, que vem em um processo constante de formação, é papel do professor e também de outros responsáveis pela sua educação, criar interesses, orientar esforços e apontar caminhos em direção à prática de leitura, formando-o como pessoa e cidadão esclarecido, crítico e exigente em relação à sociedade em que quer viver. Como diz Paulo Freire (1996, p. 17): “ Gostaria, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente “.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português : encontro & interação**. 6ª ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação média e tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 17.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003. p. 41.

GROENSTEEN, Thierry. **História em quadrinhos : essa desconhecida arte popular**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004. p. 40-44.

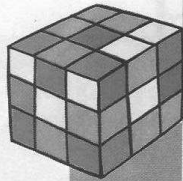
MARCUSCHI, Luiz Antonio. Compreensão de texto : algumas reflexões. In: ___DIONISIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **O Livro Didático de Português : múltiplos olhares**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 46-59.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola : espaço para gostar de ler**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 48-56.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação : uma proposta para o ensino da gramática**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 21-23.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 07-29.

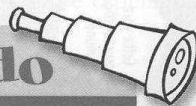
ANEXO



TRABALHANDO A GRAMÁTICA

Frases

Identificando



1. Leia a seguir uma tirinha — narrativa constituída de texto e imagem — publicada em jornal, que apresenta como uma das personagens a Super-Vó.



Adolar. *Super-Vó*. Em *Folha de S. Paulo*, 11/5/2002.

2. A seqüência dos quadrinhos e o diálogo dos personagens revelam o conflito entre um menino e uma menina por causa de uma boneca.
 - a) A menina se queixa à avó no primeiro quadrinho. Que fala da menina revela o seu descontentamento?
 - b) A imagem da menina revela que ela está chorando. Que elementos indicam isso ao leitor?
 - c) Na fala da menina, que sinal de pontuação pretende enfatizar a emoção que ela sentiu?
3. No segundo e no terceiro quadrinhos, a Super-Vó recrimina o menino e conserta a boneca.
 - a) Como podemos saber que a Super-Vó, ao falar com o menino, está aborrecida com o que ele fez?

- b) A fala da avó está registrada com repetidos pontos de exclamação. O que esse emprego determina sobre o tom de fala da personagem?
- c) O que as expressões faciais da menina e do menino no segundo quadrinho pretendem mostrar sobre a reação de cada um?
- d) Que fala da menina revela sua emoção ao ver a boneca consertada?
4. No desfecho da narrativa, a menina consegue a boneca de volta e expressa seu contentamento dizendo: "Legal!!! Agora posso jogar vôlei!".
- a) Que atitude da menina surpreende o leitor nesse desfecho?
- b) Por que a atitude dela surpreende o leitor?

As falas dos personagens estabelecem comunicação porque são enunciados com sentido completo. Assim, a palavra ou o conjunto de palavras que forma cada uma dessas falas é denominado frase.

- c) Quantas frases a menina utiliza em sua fala, nesse desfecho, para expressar seu contentamento? Justifique sua resposta.

Os enunciados transmitem idéias, opiniões, desejos, sentimentos etc.

Conceituando



Frase é todo enunciado de sentido completo, constituído por uma palavra ou um conjunto de palavras capaz de estabelecer comunicação. Inicia-se com letra maiúscula e termina com um sinal de pontuação.

Exemplos:

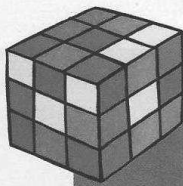
- "Isso não se faz!!!"
- "Oooba!!!"
- "Toma, minha querida, consertei a boneca."

Na comunicação oral, a frase é marcada pela entonação, pelo ritmo, que indica o objetivo, a finalidade, a intenção de quem está falando. Na escrita, é a pontuação que determina o sentido.

Observe os diferentes sentidos que uma mesma frase pode assumir conforme a pontuação.

- Ele é um menino levado? (expressa um pedido de informação)
- Ele é um menino levado!!! (expressa uma surpresa)
- Ele é um menino levado. (expressa uma declaração)

Assim, de acordo com a forma como são construídas, as frases provocam diferentes efeitos de sentido nos interlocutores.



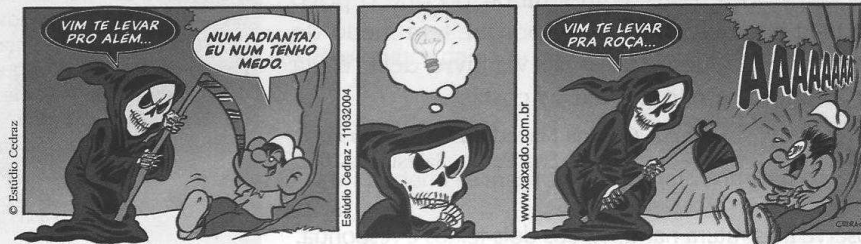
TRABALHANDO A GRAMÁTICA

Estudo dos pronomes pessoais

Identificando



A tirinha narra, de forma divertida, o encontro de Zé Pequeno com a Morte. Leia-a.



Cedraz. *Xaxado*. Em jornal *A Tarde*. Salvador, 12/1/2004.

1. A história é narrada em três quadrinhos e no primeiro já aparece o conflito que vai desencadear as demais ações.
 - a) A Morte se dirige a Zé Pequeno e diz o que deseja. Que reação ela esperava de Zé Pequeno e como ele reage à chegada da Morte?
 - b) No quadrinho central, a imagem ajuda a dar continuidade à narrativa. Que fato é narrado por meio do desenho?
 - c) Com base nas falas da Morte no início e no final da tirinha, responda: O que realmente assusta Zé Pequeno?
2. A linguagem utilizada por Zé Pequeno em sua fala está de acordo com a norma culta?

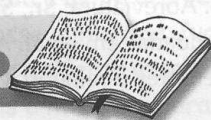
A região, a condição sociocultural, o grau de escolaridade, a faixa etária... são aspectos que determinam a linguagem empregada pelos usuários da língua. Não se pode dizer que há uma língua portuguesa certa ou errada, e sim que existem variedades de prestígio. Perceber as diferenças entre as variantes e o prestígio de uma sobre a outra, entendendo-as como formas válidas de expressão da língua, é um princípio de cidadania e de respeito à diversidade.

3. Que pronome aparece na fala de Zé Pequeno?
4. Leia as falas dos personagens desta tirinha e escreva no caderno o pronome que indica:



- a) a pessoa que fala.
 b) a pessoa com quem se fala.
 c) a pessoa de quem se fala.

Conceituando



Pronomes pessoais são palavras que representam as pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala ou de quem se fala.

Observe nos exemplos a relação entre os pronomes pessoais e as pessoas do discurso.

- **Eu** vim te buscar para o além.
Quem fala → **eu** → 1ª pessoa do singular
- **Tu** vais comigo para o Além.
Com quem se fala → **tu** → 2ª pessoa do singular
- **Ele** não tem medo da Morte.
De quem se fala → **ele** → 3ª pessoa do singular
- **Nós** vamos falar com Zé Pequeno.
Quem fala → **nós** → 1ª pessoa do plural
- **Vós** ireis comigo para o Além.
Com quem se fala → **vós** → 2ª pessoa do plural
- **Eles** não têm medo da Morte.
De quem se fala → **eles** → 3ª pessoa do plural

O emprego do pronome que representa a 2ª pessoa do plural, vós, atualmente não é usual como forma de tratamento.

Em algumas regiões do Brasil, emprega-se o pronome tu, 2ª pessoa do singular, como forma de tratamento, e em outras emprega-se você.

• CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais, quando exercem a função de sujeito, são chamados de **pronomes pessoais do caso reto**. São eles:

eu, tu/você, ele/ela, nós, vós/vocês, eles/elas

Exemplo:

- “**Eu** num tenho medo.”



pronome pessoal do caso reto → função: sujeito



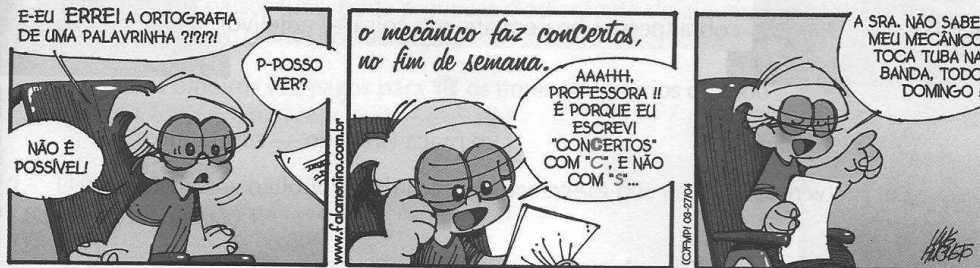
TRABALHANDO A ORTOGRAFIA

Palavras homônimas

Identificando



1. A tirinha, a seguir, narra um episódio vivido pelo personagem — um menino — na sala de aula. Leia para saber o que aconteceu.



Luís Augusto Gouveia. Fala menino! Produções. Em jornal *A Tarde*. Salvador, 27/4/2003.

2. No primeiro quadrinho, o personagem mostra-se surpreso e incrédulo pelo fato de ter escrito uma palavra errada.
 - a) Além das falas, escritas nos balões, que outro recurso deixa claro para o leitor essa reação do personagem?
 - b) Que recursos lingüísticos, empregados nas falas do personagem, ajudam o leitor a compreender o que o personagem está sentindo?
3. Nos últimos quadrinhos, desfaz-se o equívoco com a explicação do personagem.
 - a) Que fato motivou o equívoco da professora?
 - b) O menino mostrou que havia escrito a palavra correta. Como foi desfeito o equívoco?
 - c) As palavras **concerto** e **concerto** têm grafias e sentidos diferentes. Por que, então, elas podem ser confundidas pelo usuário da língua?

As palavras concerto e concerto são palavras homônimas.

